



DOS ESTADOS DE ALMA DA PERSONAGEM: ANÁLISE SEMIÓTICA

Prof. Dr^a Rosália Maria Netto Prados¹

<http://lattes.cnpq.br/1028299162272414>

RESUMO – Este trabalho trata de uma análise semiótica do texto literário, segundo a Semiótica das paixões, para o estudo dos estados de alma da personagem. Segundo a metodologia semiótica, objetivou-se a análise das relações intersubjetivas, objetos de valor e os percursos dos sujeitos, polemicamente estruturados pelos percursos dos anti-sujeitos, para a descrição de valores subjacentes aos processos discursivos.

PALAVRAS-CHAVE – Discurso literário; Paixões; Semiótica.

ABSTRACT – This paper is a semiotics analysis of literary text, according to the semiotics of the passions, to study of the states of soul of the character. The methodology aimed to semiotic analysis of intersubjective relations between objects of value and the pathways of subjects, controversial structured by the pathways of the anti-subject, to describe the values underlying the discursive processes.

KEYWORDS – Literary Discourses; Passions; Semiotics.

Este estudo sobre o discurso literário e estados de alma da personagem é uma análise, à luz da Semiótica das Paixões, que trata não só das dimensões pragmática e cognitiva do texto, mas também dos sentimentos e paixões manifestados no processo discursivo do universo feminino presente na literatura brasileira. Trata-se, aqui, da construção de uma semântica da dimensão passional, além da análise das estruturas do texto literário, de modo que este estudo possibilita uma nova perspectiva de análise da construção da subjetividade.

De acordo com Bertrand (2000, p. 357), o campo de pesquisa da semiótica das paixões, que tem sua origem diretamente das hipóteses teóricas e dos procedimentos metodológicos da semiótica geral, foi delimitado progressivamente, a partir do engajamento da subjetividade no

¹ Professora Doutora pela Universidade de São Paulo, na Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, FFLCH, em Semiótica e Linguística Geral. Pesquisadora do Programa de Mestrado em Semiótica, Tecnologias de Informação e Educação da Universidade Braz Cubas, UBC; Linha de Pesquisa em Linguagens, Tecnologias e Cultura.



campo da afetividade. Segundo a metodologia semiótica, que possibilita a reconstrução do processo discursivo, é possível não só um estudo de sistemas de valores do contexto sociocultural, para um estudo do discurso presente no texto literário, mas também da ‘afetividade’, enquanto efeito de sentido inscrito e codificado na linguagem que caracteriza esse universo discursivo. Um universo de discurso, como o literário e suas múltiplas linguagens, deve ser visto como *processo* de produção, ou como uma *microsemiótica*, enquanto os textos-enunciados são vistos como *produto*, resultante de um percurso gerativo de enunciação, de acordo com a análise semiótica aqui proposta.

O texto, portanto, é visto como resultado de um *fazer persuasivo* do sujeito enunciador e de um *fazer interpretativo* do sujeito enunciatário. Por exemplo, várias são as leituras de uma obra, e esta pode não ter sido ‘entendida’ pelos diferentes leitores, dadas as interpretações ocorridas em determinada época, ou pode ter sido (re)significada num processo discursivo, uma vez que, a partir de um texto o processo discursivo é reconstruído. A cada ‘fazer interpretativo’, há um processo de produção discursiva que se configura num determinado contexto..

São objetivos deste estudo, obedecendo à metodologia semiótica do discurso, a análise e a descrição das relações entre destinatadores e destinatários, sujeitos e objetos de valor, percursos dos sujeitos, polemicamente estruturados pelos percursos dos anti-sujeitos configurados de acordo com os conteúdos passionais, ou seja, a estrutura narrativa do discurso e a generalização de uma dimensão semio-narrativa, das estruturas modais, para reconhecer as principais articulações da sequência discursiva do texto literário. Para esta análise foram selecionados trechos do conto *Imitação da Rosa*, de Clarice Lispector.

O percurso metodológico fundamenta-se na teoria semiótica proposta por Greimas (1975, p. 67), pois segundo ele, cabe à Semiótica uma metodologia que possa dar conta do “significado”, no sentido amplo, uma vez que, o “plano da manifestação”, que reúne uma *expressão* e um *conteúdo*, não poderia constituir lugar satisfatório de análise sem que se tomasse significado e significante e se ultrapassasse esse nível para analisar as unidades mais profundas e menores de cada um desses planos.

Nesta análise de um discurso do universo literário, como aquele manifestado no conto de Clarice, são examinadas as tensões em conflito que se estabelecem nas relações interdiscursivas no texto da protagonista, *Laura*. É, portanto, possível descrever as paixões centradas no *ser* do sujeito para complementar a análise da ação que constitui o seu *fazer*.



De acordo com o percurso gerativo do sentido que, segundo a metodologia semiótica, torna possível a reconstrução desse processo discursivo, é possível um estudo da construção da subjetividade e afetividade presentes nas relações de linguagem.

Semiótica do discurso

A Semiótica difundida por Greimas e seus discípulos e colaboradores da Escola Semiótica de Paris deu-se a partir da teoria de Hjelmslev, que complementou a teoria sobre o signo saussureana. Hjelmslev (2006, p. 39) considera o sentido “como substância de uma forma qualquer”, tanto no plano do conteúdo como no plano da expressão.

O percurso gerativo da enunciação se dá no desempenho e não na competência do falante, uma vez que, a *significação*, como função semiótica, pode ser entendida como a relação de dependência entre *conteúdo* e *expressão*, respectivamente, semântica e forma. A semiose caracteriza-se como processos de significação que se armazenam na memória, recuperam-se e transformam-se permanentemente.

116

A significação como percurso sintagmático – percurso em que se dá a atualização de elementos disponíveis no discurso – é a semiose que ocorre somente na produção do discurso: os paradigmas (elementos disponíveis na memória) são atualizados numa ordem pertinente (percurso sintagmático e combinatória). Além desses aspectos considerados para se entender a significação, esta pode ainda ser vista como a relação entre signo e usuário, seria, então, uma função pragmática.

Cabe à Semiótica, portanto, uma metodologia que possa dar conta do “significado”, no sentido amplo, uma vez que, o “plano da manifestação”, que reúne uma *expressão* e um *conteúdo*, não poderia constituir lugar satisfatório de análise sem que se tomasse significado e significante e se ultrapassasse esse nível para analisar as unidades mais profundas e menores de cada um dos dois planos separadamente (GREIMAS, *apud* COURTÉS, 1979, p. 50).

A forma é o tratamento das informações, segundo os sistemas semióticos (linguístico, gestual, musical, etc); e “forma”, para Hjelmslev (2006), que teve uma formação estruturalista, é o mesmo que estrutura. A partir do pós-estruturalismo, há uma concepção dialética de *sistema e estrutura*, ou melhor, uma mesma estrutura que serve de modelo é a que resulta de um processo, assim, a estrutura estruturada em processo serve de modelo para uma nova estruturação, de modo que, é uma única *estrutura dinâmica*.



O conceito de um *continuum amorfo*, segundo Hejlslev (2006), é uma hipótese de trabalho que possibilita a inferência de um ou mais recortes efetuados numa mesma espécie de “zona de trabalho”. São dados não codificados e não utilizados que produzem um discurso que é um *re-discurso* e um recorte que é um *re-recorte*. Dessa maneira, a substância é recortada, tratada e investida; é um potencial que depois é organizado e tratado pela forma, de modo que o sentido do conteúdo só passa através do sentido da expressão. Portanto, a “informação” é não-tratada, não-utilizada e não-codificada no *continuum amorfo*, só passa via “significação”; é uma relação dependência *não-orientada* (HJELMSLEV, 2006, p. 31-33). A significação, por sua vez, não é transcodificada, o que ocorre somente com a informação.

A combinatória das resultantes dessas relações produz semióticas complexas. Assim, o discurso é o único lugar da *semiose*. No seu percurso sintagmático (linear no plano da expressão), há a produção de significação e informação novas; os sistemas semióticos produzem discursos concomitantes, como em, por exemplo, histórias em quadrinhos (duas semióticas-objeto), filmes, teatro são espetáculos semióticos – discursos semióticos complexos.

Usando como critério de classificação a natureza e tratamento da informação, pode-se descrever uma tipologia de semióticas-objeto e seus discursos; não existe nenhum discurso que se faça com uma semiótica-objeto apenas, por exemplo, a semiótica-verbal se associa ao visual, ao gestual, etc. Todos os sistemas têm universos de discursos próprios.

Pais (1997, p. 221-228) afirma que os sistemas semióticos que integram o complexo linguístico-sócio-cultural de determinada comunidade só funcionam caso se conservem para assegurar a intercompreensão dos sujeitos e, ao mesmo tempo, se modifiquem para responder às novas necessidades de comunicação. O autor propõe um estudo sobre alguns aspectos do processo da produção e transformação do conhecimento realizado pelo sujeito cognitivo: processo da elaboração do “mundo semioticamente construído”.

Os sistemas e discursos são historicamente determinados e geograficamente delimitados, pois “a visão de mundo” de uma comunidade sociocultural e linguística, bem como sua ideologia e sistema de valores, acha-se sempre em processo de (re)formulação e um constante processo de “vir a ser” que paradoxalmente transmite a seus membros o sentido de estabilidade e continuidade, ou melhor, os processos culturais são apreendidos no convívio social, uma vez que, as *semióticas-objeto* (*linguagem verbal, música, gestualidade, artes, etc*) são particulares em cada sociedade.

Um discurso, segundo Pais (1997, p. 222), é decorrente dos discursos que o precederam e a produção de um discurso específico só ocorre quando são utilizados os signos e as leis combinatórias que pertencem aos demais membros de determinado grupo, já que a experiência



individual, em sua alta especificidade, é única e intraduzível e só será inteligível aos outros apenas quando traduzida em termos do “consenso” desse grupo. Por isso é que se pode explicar o caso de alguns artistas, escritores que, na sua experiência individual artística, não são compreendidos em sua época.

Segundo Pais (1997, p. 237), *saber* e *significação* articulam-se no processo de produção discursiva refletindo *o sistema de valores* de uma comunidade. No “âmbito de uma macrossemiótica” (conjunto de sistemas semióticos de várias semióticas-objeto de uma comunidade sócio-linguístico-cultural e seus processos de significação), o processo de produção, acumulação e transformação do saber, assim como da significação e da informação (recortes culturais) são configurados pela realimentação e auto-regulagem da reiteração e produção discursiva e sustentam, numa cultura, um *metassistema conceptual* e semióticas dele dependentes.

O homem vive em uma comunidade sócio-linguístico-cultural, isto é, está num determinado lugar (seu espaço), num determinado tempo (seu tempo) e sofre as influências de todos os conceitos sociais (morais, religiosos, políticos, ideológicos e éticos) e linguísticos de que faz uso e que, por sua vez, formam sua “visão de mundo”.

Análise semiótica das paixões no discurso literário

Para o estudo mais rigoroso do texto literário, segundo a metodologia semiótica, considera-se, então, não só as relações linguísticas limitadas ao texto, mas as noções *semióticas*, que se referem ao sentido estudado numa perspectiva gerativa. O sentido de um processo discursivo manifestado na superfície de um texto é proveniente de articulações mais abstratas presentes num nível mais profundo.

Para Greimas e Fontanille (1993, p. 12), entre o nível profundo da teorização, ou do *sujeito conhecedor* e a instância discursiva, que é a do *sujeito do fazer*, a enunciação é o lugar de mediação, em que se opera a convocação dos universais semióticos utilizados em discurso. Segundo a linguagem semiótica, ocorre de acordo com as diferentes formas de modalização – na sintaxe e semântica no nível narrativo – e da embreagem, debreagem – no nível discursivo. Mas não é só isso, pois a instância de enunciação concilia, dialeticamente, a ‘geração’, pela convocação dos universais semióticos, e a ‘gênese’, pela integração dos produtos da história.

Ainda, de acordo com Greimas e Fontanille (1993, p. 13) “as configurações passionais estão situadas na encruzilhada de todas as instâncias, já que requerem, para sua manifestação, certas condições e precondições específicas de ordem epistemológica, certas operações



particulares de enunciação e, finalmente, grades culturais que se apresentem já integradas como primitivos, ou em curso de integração a um socioleto ou idioleto”.

No desenvolvimento da metodologia semiótica, em que se atribui um *status* formal ao conceito de actante e de transformação, que foi necessário para a instauração de uma sintaxe narrativa, desloca-se a problemática semântica para a noção de estado. A definição de um ato como ‘o que faz ser’ permite que se reconheçam dois predicados: *fazer* x *ser* (enunciados de ação e enunciados de estado) que constituem uma narrativa mínima: Estado Inicial; Ação / Transformação e Estado final.

As modalidades ‘simples’ são as da *Competência*: as virtualizantes (*querer-fazer, querer-ser, dever-fazer/crer*), que definem a instauração do papel actancial Sujeito em relação a um outro papel actancial, o Objeto de Valor e as atualizantes (*poder-fazer, saber-fazer*), que definem o desenvolvimento da ação do actante Sujeito; e as modalidades do *Desempenho* do Sujeito (*fazer / ser*).

Há, portanto, uma complexidade maior no surgimento do dualismo sujeito/mundo, não se trata somente de “estado” como ponto de início de uma ação, ou resultado de uma ação, pois aparece um “estado de coisas”, o mundo é transformado por um sujeito que é competente, portanto, com um “estado de alma”. Assim, seria insuficiente, apenas a consideração dessas tensões subjacentes como “efeitos de sentido” do discurso e consideram-se, então, num nível mais profundo do discurso, os conceitos de *tensividade* e de *foria*, não só para completar a teoria das modalidades e as interrogações sobre as modalidades do ser, mas também no enfrentamento da problemática das paixões.

Segundo Greimas e Fontanille (1993, p.18), para o semiótico, uma parte do discurso ou da vida, que comportasse uma organização actancial, modal e aspectual idêntica, podia, conforme o caso, ou ser considerada como paixão, ou como um arranjo da competência semântica social, ou econômica. Isso significa reconhecer que, por outro lado, em situações semelhantes pode existir um excesso patêmico, e que um percurso discursivo ou de vida só pode ser tornado como passional graças a uma “sensibilização” particular, ou seja, independente da tensividade, portanto, há um outro fator que é o da sensibilidade.

A paixão aparece, por meio da sensibilização, na *quebra* do discurso, como fator da heterogeneidade, espécie de estado de alma do sujeito que o transporta a um lugar imprevisível e o transforma em um outro sujeito. É a negação do racional e do cognitivo, o sentir ultrapassa o perceber. É essa a noção de *foria*, segundo essa perspectiva de análise.



Dos estados de alma da personagem e o discurso feminino na literatura

O sistema literário é um sistema semiótico secundário, ou sistema semiótico conotativo (HJELMSLEV, 2006, p. 61), porque utiliza como significante um sistema de signos primário que é o sistema linguístico. Nos discursos literários, a obra, por meio da *palavra*, apresenta uma gama de significações (isto é, uma manifestação subjetiva da realidade) que apresenta características de sua cultura, num determinado tempo e espaço.

Os discursos literários parecem ter outras atribuições no seio da vida social. São vistos como ficcionais, despertam emoções, suscitam o prazer do texto e constituem, geralmente, não ‘imitações da vida’ mas *metáforas da vida*, que conduzem a uma melhor compreensão desta (PAIS, 2003, p. 265).

Nesta análise do conto de Clarice Lispector, foi tomado o discurso da personagem Laura, pois é possível, na perspectiva da semiótica, uma análise do conteúdo do ser humano manifestado numa dimensão que vai além do texto linguístico. Propõe-se neste estudo uma análise do nível narrativo e discursivo do texto literário, a partir do seguinte trecho do conto:

120

Laura, casada e sem filhos, preparava-se para um jantar na casa de amigos. Era a primeira vez que ela faria isto desde que voltara do hospital, onde fora internada. Provavelmente por problemas mentais. Ela pretendia estar pronta, de banho tomado, em seu vestido marrom e a casa limpa, quando seu marido, Armando, chegasse.

Laura parecia perseguir a perfeição a todo custo, vigiava-se para ser uma esposa modelo, submissa e obediente, mediana até na cor dos cabelos, nem loura, nem morena: de modestos cabelos marrons. Ela procura parecer normal, premedita todos os seus gostos. Não quer que os outros se preocupem com ela. Pensa o quanto seria bom ver o marido enfim relaxado, conversando como amigo, no jantar, sem lembrar-se de que ela existe.

Exausta e feliz, pois acabara de passar todas as camisas de Armando, sentou-se na poltrona da sala e cochilou um breve instante. Quando acordou, teve a sensação de que a sala estava renovada.

Admirou intensamente as rosas que comprara pela manhã, na feira. Eram perfeitas. Resolveu então dá-las à amiga que visitaria à noite. Mas, logo depois, Laura hesitava. Por que as rosas, tão bonitas, não podiam ser dela mesma? Por que a beleza e exuberância das rosas a ameaçava? Acabou cedendo; a empregada levou as flores, e ela passou a experimentar “uma ausência que entrava nela como uma claridade”.

Quando o marido chegou do trabalho, Laura ainda estava sentada na poltrona, com seu vestidinho de casa, sem fazer nada do que planejava. (LISPECTOR, 1998, p. 29)

Verifica-se nesse trecho a distinção das diferentes etapas da narrativa, a da manipulação, que é uma situação da comunicação que se configura a partir da instauração de um



sujeito, a partir de um contrato entre o destinador manipulador, de um *fazer-criar*, que são as exigências do casamento, representadas por seu marido Armando, e destinatário sujeito manipulado, que é Laura. Laura acredita que está boa, *preparava-se para um jantar na casa de amigos* e passa a *querer* um objeto de valor: agradar o marido, *Pensa o quanto seria bom ver o marido enfim relaxado.*

Na etapa seguinte da narrativa apresenta-se o percurso da ação em que se configuram as modalizações do *poder fazer* e do *saber fazer* e *dever fazer*, *pretendia estar pronta de banho tomado em seu vestido marrom; Laura parecia perseguir a perfeição a todo custo; acabara de passar todas as camisas de Armando.* No estado inicial da narrativa, o sujeito está em disjunção com o seu objeto de valor, pois estivera internada, *Era a primeira vez que ela faria isto desde que voltara do hospital, onde fora internada. Provavelmente por problemas mentais.* Seu estado do *fazer*, preparar-se para sair com o marido, está comprometido com o seu estado de alma, um estado do *ser Laura*, a mulher que estivera afastada do lar por problemas mentais, *procura parecer normal.* Percebe-se o universo passional do sujeito, o sentir ultrapassa o perceber. O sujeito que continua em disjunção com o seu objeto de valor, apesar de seu programa narrativo para adquirir a competência do fazer e se transformar.

Na sanção, o julgamento aparece quando o marido chega em casa e vê Laura sentada na poltrona do mesmo jeito. *Quando o marido chegou do trabalho, Laura ainda estava sentada na poltrona, com seu vestidinho de casa, sem fazer nada do que planejara.*

Manifesta-se o anti-sujeito, que é a outra Laura, que vê a *sala renovada*, se deixa divagar ao examinar e admirar as rosas. *Por que as rosas, tão bonitas, não podiam ser dela mesma? Por que a beleza e exuberância das rosas a ameaçava?* O anti-sujeito se caracteriza como a Laura que existia desde a sua adolescência, que era aquela menina que quando lera o livro A imitação de Cristo, no seu tempo de Sacré Coeur, entendeu que Cristo era a pior tentação. *Quem imitasse Cristo estaria perdido – perdido na luz, mas perigosamente perdido.* Reconhecia seu comportamento contido e a irreverência de sua amiga Carlota. Reluta diante das rosas e volta a ser a Laura que foge em si mesma e aparece como uma doente mental distante de seu marido e de tudo que a sociedade espera de uma boa esposa.

A semântica discursiva caracteriza-se pelos procedimentos da figurativização e tematização, é o investimento semântico da narrativização. O processo da figurativização é o da transformação das figuras do plano de conteúdo em figuras de superfície que, no discurso, podem organizar-se em percursos figurativos. E o da tematização é o processo de atribuição de valores abstratos, a partir dos papéis temáticos.



Na discursividade deste conto, numa etapa mais superficial que a narrativa, aparecem temas, constituídos pelos percursos temáticos como a educação religiosa e educação da mulher para o casamento, e figuras como as rosas e o vestido marrom. Essas figuras reiteram os valores da mulher, do casamento e do papel da *esposa*.

Na semiótica greimasiana, é considerado figurativo tudo o que pode ser referido a um dos cinco sentidos tradicionais (visão, audição, tato...), em suma, tudo o que se liga à percepção do mundo exterior. De modo que, a figurativização se define como um todo de conteúdo de um sistema de representação (verbal, visual, auditivo, misto) que se correlaciona com uma figura significativa do mundo percebido quando do discurso.

Dessa maneira, o mundo natural, quando instruído pela percepção, se constitui em universo significativo, ou seja, uma semiótica. E o mundo visível (ou mundo natural) pode ser considerado como uma linguagem biplana que comporta o plano da expressão e o plano do conteúdo. Por isso ele é construído, lido e interpretado, como uma leitura semiótica.

Desta maneira, na análise de figuratividade, situa-se a “nascente da representação, sendo uma de suas formas culturais de manifestação”. *O casamento, a educação religiosa, a loucura*, são temas, pois apresentam redundância sêmica, coerência semântica quanto a conceitos abstratos, constituem a Isotopia temática – permanência de um efeito de sentido ao longo da cadeia do discurso literário deste conto, por outro lado, *as rosas, o vestido marrom, atividades domésticas* são figuras, pois apresentam redundância sêmica, coerência semântica, quanto a traços semânticos descritivos e constituem a Isotopia figurativa desse discurso. Juntamente com a temática, a figurativização corresponde ao enriquecimento do discurso, estando ambas interligadas: a temática é concebida como uma reiteração de certos traços semânticos, repetição de semas (unidades semânticas significativas) que produzem a coerência semântica do discurso – *isotopias semânticas*. Na loucura de Laura, no seu *mundo marrom*, segundo a reiteração semântica por meio da cor do vestido que o marido gostava, seus cabelos e olhos marrons, aparecem as rosas, figura que se concretiza ao longo da narrativa e é reiterada pela educação religiosa que recebera e caracteriza o conflito em que vive, pois se destacam no mundo marrom, retomam o tema religioso da *Imitação de Cristo*, mas significam culturalmente sacrifício e renascimento.



Considerações Finais

A Semiótica é uma teoria descritiva e explicativa centrada nas relações internas do texto, liga a efetuação do sentido com a enunciação viva, numa interação estreita entre o leitor e o texto, ou o enunciatário leitor e o texto literário. É a apreensão da *palavra em ato*, estuda a capacidade humana de discursos e suas contradições e os processos de construção do ‘saber social’, ou seja, do saber compartilhado.

Segundo a metodologia semiótica, foi possível examinar as tensões em conflito do processo discursivo que se estabelece nas relações entre os sujeitos da narrativa do conto de Clarice Lispector e valores socioculturais. De acordo com o percurso gerativo do sentido que torna possível a reconstrução desse processo discursivo, apresenta-se um estudo da construção da subjetividade e afetividade nas relações de linguagem.

O estudo dos discursos, segundo essa perspectiva, permite a interpretação das diferentes linguagens dos processos culturais, uma vez que estes são apreendidos em sociedade. E, por meio dos discursos do universo literário são revelados valores presentes segundo uma determinada visão de mundo, já que o sentido de um texto depende dos discursos contidos na rede de significações construída pelo sujeitos, nesse caso estudado, num determinado contexto cultural, espaço e tempo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERTRAND, Dénis. *Caminhos da semiótica literária*. Bauru: Edusc, 2003.
- COURTÉS, J. *Introdução à semiótica narrativa e discursiva*. Coimbra: Livraria Almedina, 1979.
- GREIMAS, A. J. *Sobre o Sentido II. Ensaios Semióticos*. Petrópolis: Vozes, 1975.
- _____. *Semiótica do Discurso Científico. Da Modalidade*. Difel. SBPL. São Paulo, 1976.
- GREIMAS, A.J. et COURTÉS, J. *Sémiotique. Dictionnaire raisonné de la théorie du langage*. Paris Hachette, 1979.
- GREIMAS, A.J. e FONTANILLE, J. *Semiótica das Paixões. Dos estados de coisas aos estados de alma*. São Paulo: Ed. Ática, 1993.
- GREIMAS, Algirdas Julien. *Del Sentido II. Ensaios semioticos*. Madrid: Gredos, 2001.
- HEJLMSLEV, L.T. *Prolegômenosa uma teoria da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- LISPECTOR, Clarice. *Imitação da Rosa. Laços de família*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.



PAIS C. T. Conceptualização, Denominação, Designação: relações. In. *Revista Brasileira de Linguística*. Vol. 9. São Paulo: Plêiade, 1997.

PAIS, C.T.; BARBOSA, M.A. Tradição oral, literatura popular e discursos etno-literários: aspectos semióticos e lexicais da construção do imaginário coletivo. In. *Revista Brasileira de Linguística*. Vol. 12. São Paulo: 3ª Margem, 2003, p. 255-270.

